



VISÃO DO CORREIO

Racismo na pandemia

Os cidadãos do mundo assistiram ao brutal assassinato do afro-americano George Floyd, em 25 de maio de 2020, em Minneapolis. “Não consigo respirar”, disse Floyd ao policial Derek Chauvin, que o estrangulava com o joelho no pescoço. Em menos de nove minutos, Floyd morreu, supostamente por pagar a compra no supermercado com uma nota falsificada de 20 dólares. Na realidade, ele foi executado por ser negro — mais um, entre milhões de peles escuras vítimas do racismo estrutural que infecta as sociedades e, principalmente, grande parcela dos corpos brancos.

A condenação do policial branco assassino não foi motivo de comemoração, mas de esperança de que é possível haver justiça. Sete meses depois de Floyd, em 19 de novembro, seguranças do Carrefour, em Porto Alegre, espancaram até morte João Alberto Silveira Freitas, homem negro. Assim, como ocorreu com Floyd, a cena foi gravada por um celular e ganhou as telas das tevês mundo afora. O episódio foi tão icônico quanto o da morte de Floyd, mas, aqui, não há manifestações nem cobrança por justiça. Silêncio é a opção que privilegia a impunidade e reforça o racismo estrutural.

Aqui, vidas negras não importam — ou não fazem diferença —, embora sejam 54% da população brasileira. Balas perdidas, disparadas por policiais, são encontradas em corpos de crianças negras. Mas elas também não importam. Para o racismo estrutural, nutrido pela indiferença, a morte precoce de crianças e jovens negros signifi-

ca “cortar o mal pela raiz”. Sim, pois o povo afro-brasileiro é invisível ao poder público.

Em 2019, ocorreram 4.971 óbitos violentos de crianças e adolescentes — 75% eram negros, segundo o 14º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, elaborado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública com a colaboração do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef). O que ocorreu com os culpados? Uma resposta ainda foragida da opinião pública.

A indiferença não se expressa só na banalização da violência que suprime a vida de corpos negros. Ela ganhou dimensão também durante a pandemia do novo coronavírus, que deu contornos mais fortes às desigualdades socioeconômicas existentes no Brasil. Embora seja a maioria da população, a imunização de pretos e pardos é duas vezes menor do que a dos não negros. No ano passado, só em São Paulo, o número de negros mortos pelo vírus chegou a 25% ante 11,5% de brancos entre as vítimas da covid-19.

Diante de tamanha diferença, o Conselho Nacional de Saúde (CNS) cobrou do Ministério da Saúde, em 30 de março último, ações antirracistas para o acesso de todos ao sistema público e, sobretudo, à vacinação contra o novo coronavírus. Até aquela data, 3,2 milhões de não negros receberam pelo menos a primeira dose de vacina contra 1,7 milhão de pretos e pardos. Como Floyd, os afro-brasileiros não conseguem respirar, pois o racismo estrutural os asfixia com os joelhos sobre a garganta. Mas faltam-lhes ar desde muito antes da pandemia.



>> Sr. Redator

Cartas ao Sr. Redator devem ter no máximo 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: redat.df@dabr.com.br

Tributo à Brasília

“Não vou, não vou para Brasília, nem eu, nem a minha família (...) não sou índio, nem nada. Não tenho orelha furada e nem argola pendurada no nariz (...)” Ao contrário da canção da década de 1960, quando cheguei a Brasília, não achei índio nem nada, ninguém de orelha furada, e nem com argola pendurada no nariz. Encontrei um povo esperançoso e feliz, construindo a nova capital do meu país. Eu era uma moça cheia de ousadia. Aqui construí minha moradia e comecei minha família. Foi onde nasceram meus filhos, que estudaram, se formaram e construíram suas famílias. Mais tarde vieram meus netos, que são a minha alegria... Aqui eu encontrei a felicidade, razão pela qual amo profundamente Brasília, e assim será até meus últimos dias.

» **Yone Silva Vieira Pinto**, Lago Sul

Poeta

Eu sou apenas um poeta,
Sem nunca ter feito um verso,
E você é um escritor.
Eu não preciso
Nem de sabedoria
E nem de erudição.

» **Lauro A. C. Pinheiro**, Asa Sul

Meio ambiente

Três dias após o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, ter levado o Brasil ao ridículo perante o mundo, ao postar aquela cena humilhante de representar o nosso país como um cachorro sedento diante de uma churrasqueira de frango, o presidente Bolsonaro fez um discurso de um verdadeiro defensor do meio ambiente, surpreendendo os chefes de Estado presentes na Reunião do Clima. Parabéns, presidente. Oxalá seu discurso não fique só nas palavras e, sim, que tome atitudes que preservem de fato o meio ambiente, reconquistando nosso prestígio perdido nessa árdua tarefa perante a comunidade internacional. Que tal começando por trocar o ministro que comparou o nosso país com um cachorro esfomeado?

» **Paulo Molina Prates**, Asa Norte

Delírio

Deliram os que imaginam que o discurso de Bolsonaro tivesse uma gota de verdade. Menos de 72 horas após discursar para os líderes mundiais, ele reduziu o orçamento do Ministério do Meio Ambiente. Aliás, o seu discurso foi sustentado por dados de governos passados, numa encenação para posicionar o país frente aos chefes de Estado que estão preocupados com as mudanças climáticas. Ninguém acreditou. São chefes de Estado

Desabafo

>> Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Imprevisibilidade das decisões que geram insegurança jurídica está colocando o Brasil na contramão do mundo?

José Matias-Pereira - Lago Sul

Não tem jeito. É da natureza desse governo insultar e degradar o meio ambiente.

Eduardo Pereira — Jardim Botânico

Em Manaus, Pazuella “ovacionado” por erradicar a covid-19: este vírus, quando não mata, elimina até lucidez.

Joaquim Honório — Asa Sul

do atual governo. Na corrida ao Planalto, ele avisou que desconstruía todos os avanços conquistados pela sociedade. E ele vem cumprindo à risca seus compromissos com a ultradireita nacional, enfim, com o atraso.

» **Evaristo Carvalho**, Lago Norte

CPI da covid

Senhores senadores integrantes da Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia. Vozes ecoaram dizendo que, “talvez essa seja a mais importante das CPI instaladas no parlamento nos últimos 30 anos”. Não tem “talvez”, indubitavelmente ela é a mais importante. Ouvi também de pessoas casadas de resultados de CPIs dizerem esta famosa frase: “Vai terminar em pizza”. Senhores senadores, cale a boca de quem assim pensa. Deem ao país a resposta que precisa ser dada. Estejam imbuídos de suas responsabilidades. Em 22 de abril, ultrapassamos 383 mil mortes, parece não ser verdade. Milhares de famílias estão com os corações dilacerados e choram a perda de entes queridos. Segundo um cálculo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), são pelo menos 45 mil crianças e adolescentes que perderam pai e mãe, ficaram completamente órfãs. Imaginem, senhores senadores, como caminharão daqui pra frente essas crianças e adolescentes. Com certeza, estão desorientadas. Quanto sofrimento vão carregar pelo resto de suas vidas. É preciso, senhores senadores, verificar se houve omissão de autoridades na condução desta catástrofe que foi chamada por alguns de gripezinha. Não se pode duvidar de que maus exemplos dados por homens públicos, como o não uso de máscara e não respeitar o distanciamento, tenham contribuído para que muitos fossem infectados e perdido a vida. O colapso no sistema de saúde precisa ser explicado. O desvio de recursos, também. Quanta gente foi em busca do socorro, não encontrou e não retornou ao seio familiar. Ah! Senhores senadores, é muita morte. Imaginem uma cidade brasileira com 383 mil habitantes. É este, senhores senadores, o número de brasileiros que foram enterrados no período de um ano e dois meses. Em respeito aos que partiram e aos corações enlutados, investiguem a fundo, não deixem terminar em pizza.

» **Jeovah Ferreira**, Taquari



ANA DUBEUX
anadubeux.df@dabr.com.br

Sobre escolhas, lugares, pessoas e pandemia

O dia passou, mas Brasília não passa nunca. Na última quarta-feira, esta cidade fez 61 anos. E posso dizer, sem sombra de dúvida, que já não moro aqui simplesmente. Brasília é que mora em mim. Pode parecer um joguete bobo de palavras, mas o fato é que tem grande diferença entre uma coisa e outra. Quando a gente entende que um lugar nos pertence, com tudo o que há de bom e ruim, passamos a ser abrigo em vez de apenas ter um abrigo.

Quando falo em ser uma morada, falo de abrir o coração e acolher. Escolhi Brasília para assentar meus sonhos de crescer, lá atrás, no jornalismo. Escolho todos os dias amar a cidade das minhas oportunidades, dos meus filhos, dos muitos amigos que fiz. Nas minhas longas caminhadas por aqui e por ali, acolho a capital com tudo o que ela representa, inclusive os defeitos de cidade grande que aparta pessoas e é profundamente desigual. Reconhecer e lutar diariamente para jogar luz sobre os problemas faz parte da minha convivência com Brasília.

Em meio à pandemia, ainda tenho a sorte de olhar para o verde da minha janela. Também tenho a sorte de estar à frente de um jornal que, desde o nascimento da capital, conta a história de brasilienses incriveis. Por essa razão, juntamos as duas coisas no caderno especial, editado pelo jornalista José Carlos Vieira, que publica-

mos no dia do aniversário e que permanece em nosso site.

Em meio à pandemia, esta cidade me apresenta e nós apresentamos ao leitor histórias de pessoas, que, mesmo diante da necessidade de confinamento, conseguem ver além. Enxergam o outro. Como dona Gracilda, de 77 anos, que acorda bem cedo para fazer o café da manhã que será servido a pacientes da oncologia do Hospital de Base. Tantos mais...

Para esses brasilienses, solidariedade é atributo que independe de estarmos ou não no momento mais crítico deste século. Olhar para o exemplo deles deixa mais fácil responder à pergunta que tenho feito a amigos nos últimos tempos: o que a pandemia mudou em você? Eu confesso que a pandemia direcionou meu olhar. Para o outro, para as escolhas que tenho de fazer, para o que temos aqui e agora. Me levou a estreitar os laços com amigos queridos e que acrescentam demais à minha caminhada.

Esse vírus nos provou que o futuro chega rápido demais e pode ser assombroso. É uma terra sem lei nem ordem, que não podemos controlar. Precisamos cuidar do futuro olhando para o presente, para a cidade, para as pessoas em volta. Faça a coisa certa hoje, todo dia, por você, pelo próximo, por Brasília. Só assim temos chance de colher melhores frutos adiante.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
 E se mais mundo houera, lá chegara”
 Camões, e VII e 14

ÁLVARO TEIXEIRA DA COSTA Diretor Presidente	GUILHERME AUGUSTO MACHADO Vice-Presidente executivo
Ana Dubeux Diretora de Redação	Paulo Cesar Marques Diretor de Comercialização e Marketing
	Leonardo Guilherme Lourenço Moisés Diretor Financeiro

Plácido Fernandes Vieira e Vicente Nunes
Editores executivos

CORPORATIVO
Josemar Gimenez
 Vice-presidente de Negócios Corporativos

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102 - Redação: (61) 3214.1100; Fax: (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526; 3214.1211; Fax: (61) 3214.1205 - Sucursal São Paulo: End.: Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732 - Pr. andar - Jardim Paulista - CEP: 01403-000 - São Paulo/ SP Tel: (11) 3372-0022; E-mail: sociosdoss@uiguiag.com.br; Sucursal Rio de Janeiro: End.: Rua Fonseca Teles, nº 114 a 120, Bloco 2, 1º andar - São Cristóvão - CEP: 20940-200 - Rio de Janeiro/ RJ, Tel: (21) 2263-1945; E-mail: sucursalrio@uiguiag.com.br; REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo - Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 - Barro Preto - CEP: 30.180-070 - Belo Horizonte/MG; Tel.: (31) 3048-2310; E-mail: comercial@midiaabril.com.br; Região Sul - HRM Representações Publicitárias, Rua Saldanha Marinho, 33 sala 608 - Menino Deus - CEP: 90.160-240 - Porto Alegre/RS, Tel.: (51) 3231-6287; E-mail: hrrm@hrmmultimidia.com.br; Regiões Nordeste e Centro Oeste - Goiânia: Exito Representações - Rua Leonardo da Vinci, Quadra 24, Lote 1, C.2, Jardim Planalto - CEP: 74333-140, Goiânia-GO - Telefones: 62 3085-4770 e 62 98142-6119. Brasília: S4 Publicidade e Representações, SCS Qda G2, Bl. D - 15º andar - Ed. Oscar Niemeyer - salas 1502/3 - CEP: 70.316-900 - Brasília/DF: (61) 3201-0071/0072; E-mail: thiagu@s4publicidade.com.br; Região Norte - Meio & Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K - Ed Embassy Tower, salas 701/2 - CEP: 73.340-000 - Brasília/DF; Tel.: (61) 3964-0963; E-mail: atendimento@meioemidia.com.

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
 Os serviços noticiosos e fotografias são fornecidos pela Reuters, AFP, Agência Noticiosa Intercontinental, Agência Estado, Agência O Globo, Agência A Tarde, Agência Folha, Agência O Dia e DA Press, tel: (61) 3214-1131.

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO
 Assinante/leitor/ classificados: 3342-1000

Localidade	VENDA AVULSA		ASSINATURAS*	
	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM (promocional)	RS 789,88
DF/GO	RS 2,50	RS 4,00		360 EDIÇÕES
MG/RJ/SP	RS 4,00	RS 5,00		
TO/MA/CE/PI	RS 4,00	RS 5,00		
RN/PB/PE	RS 4,00	RS 5,00		

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
 Consulte a Central de Relacionamento (3342.1000) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

DA Press Multimídia
 Atendimento personalizado para pesquisa em jornais e cópias:
 S/C Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF, de segunda a sexta, das 13h às 18h.
DIÁRIOS ASSOCIADOS
 Atendimento para venda de conteúdo:
 Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 18h/sábados, das 14h às 21h
 Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568 / 0800-647-7377. Fax: (61) 3214.1595.
 E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br

 Agenciamento de Publicidade